

Boletim de Estudos Clássicos 15 (Junho 1991)

CONVIVER HOJE COM OS ROMANOS DE ONTEM

Se algo deveras me impressionou favoravelmente na Bulgária foi a sabedoria patente no enquadramento da vida quotidiana.

Estive aí em Setembro de 1987, por ocasião do IX Congresso Internacional de Epigrafia Grega e Latina, em que participei. Percorri Sófia, onde o congresso decorreu, e a visita de estudo levou-nos ao mosteiro medieval de Batckovo e a Plovdiv.

Mentiria, se confessasse não ter ficado agradavelmente surpreendido e cativado pela inconfundível beleza da mulher búlgara e pela afabilidade dos habitantes. Falsearia as minhas impressões, se omitisse o encanto espiritual que, silencioso, se

desprende do mosteiro fundado no séc. XI pelos irmãos Bakouvianni, onde, inclusive, tive a dita de assistir a um casamento segundo os ritos tradicionais; inolvidáveis, aí, as pinturas de Zacarias Zographe. Claro que comprei água de rosas para oferecer; e deixei-me seduzir pela vivacidade ora gaiata ora dolente das melodias do Pirin (cujo disco “Eulogy” amiúde me apetece escutar). Deleitei-me, pois, com a magnífica sala do Museu Nacional de História em que se expõe o extraordinário espólio do sepulcro eneolítico de Varna (Odessos), datável de meados do quarto milénio antes da nossa era — um verdadeiro hino à capacidade museológica e científica dos arqueólogos búlgaros. Pasmei com o tesouro helenístico de Rogosen...

Mas vão perdoar-me se, justamente como arqueólogo e como museólogo, me congratule com outros aspectos — quiçá menos empolgantes para o grande público — que deveras me fascinaram também, pelo carácter inovador, original e inteligente das soluções encontradas.

Um pouco por todo o mundo, a preservação dos vestígios arqueológicos das cidades tem levantado problemas de difícil resolução. Os arqueólogos defrontam-se, muitas vezes, com alternativas de complicada opção: privilegia-se o novo e destrói-se o antigo? Mantém-se a memória em detrimento da inovação?

Na Bulgária, eloquentemente se demonstra que há um meio termo possível. O progresso urbanístico não implica necessariamente fazer tábua rasa do passado milenar, raiz do nosso presente e garante duma identidade cultural no porvir.

E é curioso. De regresso a casa, podemos já não saber se a muralha é dos Trácios ou dos Romanos, se o teatro foi medieval, se a igreja é do século XIII ou XVI. Sabe-se, porém, que todos esses imóveis ora fazem parte integrante da fisionomia da cidade. Reteve-se a ideia de que se tomou um refresco na esplanada junto à ermida, enquanto os Lada

ou os Dacia circulavam no piso superior. Sabe-se que, em vez da frialdade cinzenta do betão, as paredes da passagem subterrânea, eram de pedra aparelhada; em vez de *boutiques*, havia uma exposição arqueológica; em lugar dos painéis publicitários, as plantas topográficas duma velha cidade em ruínas, fotografias dos trabalhos arqueológicos... E que, um dia, se almoçou ao lado de ânforas romanas...

Sófia — as pedras das velhas memórias

Circula-se, de facto, em Sófia, de mãos dadas com as pedras vivas dessa história milenar.

Assim aquando da construção, no coração da cidade, dos grandes imóveis para a Administração Central, toparam as funções com panos da muralha que, no séc. IV, haviam defendido de ataques bárbaros a romana Ulpia Serdica. Pois bem, esses panos ficaram à vista e constituem hoje a parede da passagem subterrânea da grande avenida. Não se esqueceram as *boutiques*, mas houve também espaço para a exposição cuidada dos materiais arqueológicos exumados por ocasião das escavações que precederam a urbanização moderna e de que as fotografias ali mostradas dão eloquente testemunho a quem despreocupadamente passe.

Mais além, entre o hotel Balkan e os Grandes Armazéns Centrais, é a magnífica ermida de S. Petka Samardjiiska, espécime ímpar da arquitectura religiosa búlgara do séc. XIV, sabiamente enquadrada por contemplativas esplanadas.

Plodiv — o exemplo

A planície plantada de milho, tomate e tabaco; os grandes pomares de macieiras — pendem das árvores os frutos amarelos e rosados — denunciam a proximidade de Plovdiv.

Aí, o surpreendente aconteceu. Logo no Pâldin (cujo nome recorda a designação medieval da cidade). Nem sempre se tem a inusitada sensação de, serenamente, almoçar ao lado de muralhas romanas do séc. IV. As mesas dispõem-se em plataformas, aqui, além, semeadas (diríamos), para não estragarem as vetustas estruturas. Nesse recanto, um par de ânforas vinárias; um outro, mais abaixo. Saborosa refeição, espiritual deleite, numa semi-obscuridade de contemplação...

Depois, de tarde, ao grande sol, o esplendor do teatro na encosta da colina (*Trimontium*, “de três montes”, um dia se chamou também a trácia Plovdiv...). Panorama soberbo por sobre a cidade que se nos estende aos pés, seguindo, aliás, o traçado romano. Ao fundo, junto ao edifício actual dos Correios e Telecomunicações, a antiga ágora, que daqui a pouco veremos. Apetece sentar-nos aqui. As filas da bancada semicircular ainda ostentam as letras identificativas. O pódio alto teria grades, ao tempo dos Romanos, para que os animais não saltassem — porque, uma vez por outra (pensa-se), também o teatro terá servido de anfiteatro. O cenário é, neste momento, de sabor egípcio, pois, à noite, aqui se cantará a ópera *Aida*, de Verdi. Apetece ficar. Para agradecer a utilização moderna dum monumento do séc. II, que, hoje, ainda pode albergar cerca de 3000 espectadores.

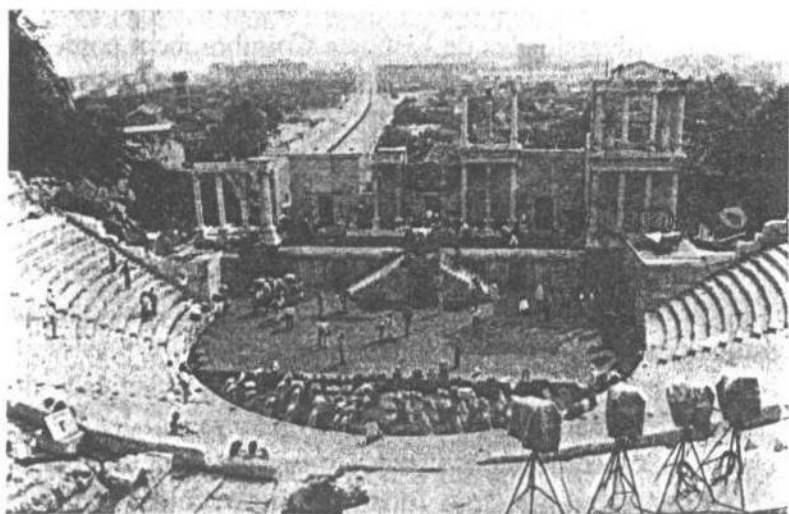
O tempo urge, porém. Descemos a encosta. Ao fundo, a esplanada suspensa permite ver boa parte do anfiteatro datável do séc. II também. O betão não choca. O casario envolvente não destoa. O transeunte menos apressado pode deter-se a reviver mentalmente o que foi, nesse local, o rumor ululante da turba, o lancinante grito das feras, a bronzada bravura dos gladiadores musculados.

Descemos pela avenida que cobre — dizem-nos — o circo romano. Na ágora, o coração da Filipópolis do séc. III,

há inúmeras pedras que falam dum glorioso passado. Era a exedra acolá; por aqui passa o *cardo maximus*, ali o *minor*, as duas principais artérias da urbanização romana. Boa parte dos propileus se mantém; pelos pavimentos e paredes divisam-se as canalizações intactas.

Sentei-me numa pedra. No viaduto, os automóveis seguiam. A cidade palpitava, neste cair de tarde quase outonal. E tive pena que se aproximasse, a passos tão largos, a hora de regressar...

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



Teatro romano de Plovdiv — Da encosta da colina, o soberbo panorama sobre a cidade. Em primeiro plano, os adereços preparados para a ópera «Aida» que, nessa noite, ali ia representar-se.

Foto de Isabel Roda